

UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI – UNIVATES
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Possibilidades de ser jovem(ns) a partir da experiência da maternidade

Sabrina Feldmann

Lajeado, junho de 2019

Sabrina Feldmann

Possibilidades de ser jovem(ns) a partir da experiência da maternidade

Artigo apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Enfermagem da Universidade do Vale do Taquari UNIVATES, como parte do título para obtenção de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Elisângela Mara Zanelatto

Lajeado, junho de 2019

Possibilidades de ser jovem(ns) a partir da experiência da maternidade**Possibilities of being young from the maternity experience****Posibilidades de ser joven a partir de la experiencia de la maternidad**

Sabrina Feldmann¹

Elisângela Mara Zanelatto

Resumo

A juventude é um período do ciclo vital construído pelo meio social e influenciado por múltiplos fatores, transformando-se conforme as mudanças contemporâneas. Este estudo, de caráter qualitativo busca conhecer as possibilidades de ser jovem(ns) identificadas por mulheres entre 15 e 29 anos de idade, a partir da experiência da maternidade. Foram realizadas sete entrevistas semiestruturadas com gestantes que estavam em acompanhamento pré-natal em uma Unidade de Saúde (US) de um Município do Vale do Taquari/RS. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo de Bardin (2012) e categorizados em quatro unidades de análise. A maternidade neste período da vida, caracteriza-se como uma experiência singular e subjetiva, assim como os sentidos atribuídos ao tornar-se mãe. Evidenciou-se a valia de espaços de cuidado designados à jovens gestantes, que além de dúvidas, carregam inúmeras fantasias, medos e expectativas relacionadas à maternidade.

Palavras-chaves: juventude; gestação; maternidade; espaços de cuidado

Abstract

Youth is a period of the life cycle built by the social environment and influenced by multiple factors, transforming itself according to contemporary changes. This qualitative study seeks to know the possibilities of being young identified by women between 15 and 29 years of age, from the experience of motherhood. Seven semi-structured interviews were carried out with pregnant women who were under prenatal care in a Health Unit (US) of a Municipality of Vale do Taquari/RS. The data were submitted to the Bardin (2012) content analysis and categorized into four analysis units. Motherhood in this period of life is characterized as a singular and subjective experience, as well as the meanings attributed to

becoming a mother. The value of care spaces designated for pregnant women was evidenced, which, besides doubts, carry innumerable fantasies, fears and expectations related to maternity.

Key words: youth; gestation; maternity; spaces of care

Resumen

La juventud es un período del ciclo vital construido por el medio social e influenciado por múltiples factores, transformándose según los cambios contemporáneos. Este estudio, de carácter cualitativo, busca conocer las posibilidades de ser joven identificadas por mujeres entre 15 y 29 años de edad, a partir de la experiencia de la maternidad. Se realizaron siete entrevistas semiestructuradas con gestantes que estaban en seguimiento prenatal en una Unidad de Salud (US) de un Municipio del Valle del Taquari/RS. Los datos fueron sometidos al análisis de contenido de Bardin (2012) y categorizados en cuatro unidades de análisis. La maternidad en este período de la vida, se caracteriza como una experiencia singular y subjetiva, así como los sentidos atribuidos al convertirse en madre. Se evidenció la validez de espacios de cuidado designados a las jóvenes gestantes, que además de dudas, cargan innumerables fantasías, miedos y expectativas relacionadas a la maternidad.

Palabras clave: la juventud; embarazo; la maternidad; espacios de cuidado

Introdução

A juventude consiste em um período do ciclo vital discutido por vários autores desde o século XVIII e entendida sob diversas perspectivas, sendo elas biológica, psicológica e social. Porém, estabelecer um consenso sobre esta categoria não tem sido tarefa fácil. Isso se deve, sobretudo porque os fatores que constituem essa fase da vida pertencem às ordens social, histórica e cultural produzindo contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas por cada indivíduo em seu contexto social (Dayrell, 2003).

Em uma visão hegemônica e um tanto generalista, o jovem é entendido como um sujeito

em transição, um vir a ser, tendo na passagem para a vida adulta, o sentido e a consolidação das suas ações do presente (Dayrell, 2003). Visto sob esta perspectiva, o sujeito que habita o tempo da juventude, situa-se em um meio termo, como um ser que não é mais infantil e ainda não chega a ser adulto. Entretanto, essa não é a única concepção sobre essa fase da vida.

No Brasil, a Lei Nº 12.852, de 05 de agosto de 2013, que institui o Estatuto da Juventude, define que são jovens pessoas com idade de 15 a 29 anos. No entanto, alguns autores questionam a visão cronológica para determinar essa fase da vida. Conforme Dayrell (2016), a primeira preocupação acerca da construção da noção de juventude, é que a mesma não seja reduzida a uma definição etária ou a uma idade cronológica.

Nesta perspectiva, entende-se que “[...] a definição de ser jovem através de uma idade é uma maneira de se definir o universo de sujeitos que habitam o tempo da juventude. Esse é um critério variável e muda de país para país” (Dayrell e Carrano, 2014, p.110). Desta forma, entende-se que a juventude é socialmente variável e que o tempo de duração, os conteúdos, vivências e significados sociais desse processo, variam de acordo com as “condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também as regiões geográficas, dentre outros aspectos” (Dayrell, 2003, p.42). Assim sendo, esse período da vida consiste em um tempo singular e subjetivo, produzido pelas vivências e experiências pessoais dos sujeitos.

Em conformidade, de acordo com Dayrell (2016), podemos reconhecer a juventude como uma categoria socialmente produzida, pois as concepções e representações acerca desse período e os sentidos que se atribuem a ele, bem como a posição social dos jovens e os serviços de saúde e educação que lhes são ofertados, dependem das particularidades do contexto histórico, social e cultural em que os sujeitos estão inseridos. Nesse sentido, o autor argumenta que, embora haja um modelo universal tendo em vista às transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais integraliza seu desenvolvimento físico e enfrenta alterações psicológicas, a

forma como cada sociedade e cada grupo social, em determinado tempo irá lidar e representar esse momento é completamente distinta.

Tendo em vista as múltiplas possibilidades de viver este período da vida, atenta-se para uma noção da juventude na perspectiva da diversidade, caracterizando-a como “[...] parte de um crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social” (Dayrell, 2003, p.42). Com base nessa concepção acerca da juventude, caracterizada como uma construção biológica, psicológica e social, compreende-se que “os jovens [...] constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem”, mas sim vários (Dayrell, 2003, p.42). Assim sendo, na presente investigação abordou-se a juventude no plural, enfatizando a noção de juventudes, levando em conta a singularidade de cada sujeito e a pluralidade de sentidos dados aos diversos momentos do viver.

A gestação nas juventudes: fragmentos singulares de realidades humanas

Ao percorrermos a literatura sobre a maternidade na juventude, encontramos estudos com enfoque predominantemente biológico e hegemônico, relacionando-a a um acontecimento precoce e indesejado, associado à desinformação sexual por parte das jovens, além de oferecer riscos à saúde materno-infantil. Dentre as consequências da gestação neste período, são citadas: dificuldades financeiras, o abandono dos estudos, perda da liberdade e o risco de ser mãe solteira (Papalaia e Olds, 2000). No entanto, pouco se fala das possibilidades de existir criadas por jovens a partir da experiência da maternidade e dos sentidos atribuídos ao tornar-se mãe.

De acordo com Barker e Castro (2002), considera-se tais construções de extrema importância quando tratamos da gravidez em uma idade precoce, pois esta certamente inspira maiores cuidados e um suporte adequado à jovem mãe e ao bebê durante toda a gestação. No entanto, entende-se que, “reduzir a gravidez a apenas um conjunto de sintomas orgânicos ou a

dificuldades emocionais [...] é empobrecer todo o processo e perder a oportunidade de trazer seu significado à tona para o sujeito e poder implicá-lo no processo” (Barker; Castro, 2002, p. 81).

Considerando o jovem como um sujeito biopsicossocial e singular, “que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade” (Dayrell, 2003, p.43), supõe-se que também os jovens atribuem significados aos acontecimentos de sua vida, sendo um deles a maternidade. Neste sentido, entende-se que as possibilidades de viver a experiência da maternidade, assim como a própria juventude, caracterizam-se como uma experimentação própria de cada sujeito, significada e representada no contexto em que o mesmo está inserido.

Assim, infere-se que as possibilidades de viver e significar o evento da maternidade no tempo da juventude, são múltiplas e diversas. Em concordância, Heilborn et al. (2002), referem que, transformar a gravidez na juventude em uma problemática que carrega, constantemente, várias formas de sofrimento, implica em simplificar a questão e defini-la como uma resposta homogênea para todos(as) os(as) jovens que vivem neste tempo. Ainda, no que se refere aos diversos significados da gestação nas juventudes, alguns autores evidenciam a representação de aspectos saudáveis, como amadurecimento emocional, retorno à escola, inserção no mercado de trabalho, constituição de uma nova família entre outros (Gotijo e Medeiros, 2008).

Deste modo, observa-se que a maternidade não é representada de forma hegemônica pelas juventudes contemporâneas, podendo ser-lhe acrescentados múltiplos sentidos. Além disso, entende-se como fator relevante, a contextualização da gravidez nesse período da vida a partir das próprias jovens, situando-as principalmente, em seus contextos socioeconômicos. A seguir, serão apresentados os procedimentos metodológicos e as jovens participantes da pesquisa.

Metodologia

A presente investigação seguiu a abordagem qualitativa, de caráter descritivo, visando conhecer as possibilidades de ser jovem(ns) criadas por gestantes com idade entre 15 e 29 anos. Para isso, foi realizada uma pesquisa de campo, tendo como instrumento de produção de dados a entrevista semiestruturada.

A escolha da metodologia qualitativa e da entrevista semiestruturada deve-se à índole narrativa de trajetórias expressas neste trabalho, que visa apreender a realidade como fator particular de cada sujeito da pesquisa, trabalhando com o universo dos significados, das ambições, dos valores, dos preceitos e das atitudes, sendo estes, fatores que caracterizam uma realidade humana, a qual raramente pode ser traduzida em indicadores quantitativos (Minayo, 2009). Expõe-se a utilização da entrevista semiestruturada como instrumento de produção de dados, à medida em que se priorizou a participação e a fala das jovens frente a uma escuta atenta e desprovida de roteiros estanques, a fim de que o contexto de vida, os valores e representações criados por elas, pudessem emergir.

A pesquisa foi realizada em um Centro de Saúde (CS), subordinado ao Sistema Único de Saúde (SUS), concebido como referência para consultas ginecológicas e obstétricas para pré-natal de risco, de um Município do Vale do Taquari, no interior do Rio Grande do Sul. Foram incluídas na amostra jovens entre 15 e 29 anos de idade, gestantes, que estavam em acompanhamento pré-natal na US e que aceitaram participar da pesquisa. Do mesmo modo, não foram incluídas no estudo, jovens que não pertenciam à faixa etária entre 15 e 29 anos, jovens que não eram gestantes e menores de 18 anos que não tivessem a autorização dos pais ou responsável.

Por se tratar de um estudo envolvendo seres humanos, a pesquisa foi submetida à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa e, posteriormente aprovada sob o CAAE nº. 07205419.0.0000.5310. Com o deferimento, realizou-se o contato com a coordenadora da US

pesquisada, a qual autorizou a realização das entrevistas com as participantes, mediante apresentação do trabalho para a equipe do serviço.

A partir disso, inicialmente foi realizado o levantamento semanal das consultas de pré-natal, junto à recepcionista da US. Em seguida, dez jovens que apresentaram os critérios de inclusão pré-estabelecidos foram convidadas a participar da pesquisa pessoalmente. A abordagem das gestantes foi na sala de espera, antes e após a consulta de pré-natal.

Dentre as convidadas, todas declararam interesse em colaborar com o estudo, porém, devido ao atraso de três consultas, que influenciou na restrição do horário e que poderia comprometer a qualidade das entrevistas - dado que o tempo para a conversa teria que ser cronometrado - sete jovens participaram. As gestantes concordaram com a realização da entrevista, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - no caso das participantes com idade igual ou maior de 18 anos - e do Termo de Assentimento - no caso da jovem menor de 18 anos. A participante menor de idade, também precisou da autorização de um responsável legal para participar da pesquisa, por meio da assinatura do TCLE. As entrevistas ocorreram entre os meses de março e maio de 2019 e foram realizadas individualmente, em uma sala disponibilizada pela US, com duração média de trinta minutos.

Foram contempladas questões referentes às trajetórias de vida, às relações familiares e conjugais, aos aspectos socioeconômicos, ao convívio social, além de fatores emocionais e psicológicos, levando em conta o período da descoberta da gestação até o momento da entrevista e considerando o sentido da maternidade. O ambiente utilizado foi cuidadosamente escolhido, visando respeitar o sigilo e a privacidade das jovens.

Dentre as sete entrevistas realizadas, seis foram gravadas em áudio, mediante autorização das jovens e posterior transcrição na íntegra. Uma das participantes que se dispôs a participar da entrevista, preferiu não ser gravada, autorizando que fossem anotados alguns dados da conversa, sendo respeitada sua opção. Todas as entrevistas foram transcritas, analisadas e posteriormente categorizadas, buscando assim a correlação entre as respostas encontradas. Para

análise dos dados obtidos adotou-se a Análise de Conteúdo, dividida em três etapas, sendo a primeira a pré-análise, caracterizada pela organização dos dados coletados relacionando-os com a questão da pesquisa, seguida da exploração do material, os quais foram tomados como base para recorte, enumeração e categorização das falas nas transcrições de cada encontro e por último, o tratamento dos resultados e a análise, refletindo sobre os dados obtidos e levando em conta o objetivo inicialmente previsto (Bardin, 2012).

Na condição de manter o anonimato, as participantes da pesquisa foram identificadas por nomes fictícios, sendo tratadas como: Borboleta Amarela, Borboleta Azul, Borboleta Rosa, Borboleta Vermelha, Borboleta Laranja, Borboleta Verde e Borboleta Lilás. Optou-se pela escolha dos respectivos codinomes, adotando a borboleta como elemento conceitual, considerando as repercussões da maternidade no tempo da juventude, sendo este um evento experienciado e representado singularmente por cada mulher diante de um processo de (des)construção e transformação. Nesta perspectiva, pensou-se esse processo a partir do poema “Asas”, de Roseana Murray, que narra a importância de asas para encontrar a janela do tempo e o caminho de si. E então, o que seria o gestar, se não um processo de (des)construção do próprio caminho?

ASAS

Quero asas de borboleta azul
Para que eu encontre
O caminho do vento
O caminho da noite
A janela do tempo
O caminho de mim
(Murray R., 1992, p. 13)

A metamorfose pode ser compreendida conforme seu significado no Dicionário de Língua Portuguesa Aurélio, como “Transformação. Mudança de forma [...]” (Ferreira, 2010, p. 503). Assim, entende-se a experiência como potencializadora de transformação e a maternidade como facilitadora de experiências. A experiência da maternidade é pensada como uma metamorfose, dado seu caráter propício às transformações nos âmbitos biológico, psicológico e

social. Desta forma, compreende-se a maternidade como uma experiência ampla, considerando-a para além da faixa etária e aspectos biológicos da futura mãe.

Em relação aos dados perinatais, as sete participantes estavam na primeira gestação. No momento da pesquisa, não havia nenhuma mulher no primeiro trimestre (entre a 2ª e a 14ª semanas), duas estavam no segundo trimestre (entre a 15ª e 8ª semanas) e cinco estavam no terceiro trimestre (entre a 29ª e a 42ª semanas) do período gestacional. As participantes maiores de 18 anos compareceram às consultas sem acompanhante e a menor de idade estava acompanhada pela mãe.

No que se refere ao estado civil, cinco jovens estavam em uma união estável ou casadas, uma estava namorando e uma solteira. Entre as sete jovens, cinco não estavam estudando no momento da entrevista, sendo que destas, três haviam terminado o Ensino Médio, uma tinha o Ensino Superior completo e uma havia interrompido os estudos no 2º ano do Ensino Médio. As duas jovens que permaneciam estudando, estavam cursando o Ensino Médio. No que se refere ao exercício profissional, quatro participantes trabalhavam com carteira assinada há mais de um ano, uma era estudante e duas nunca exerceram atividade remunerada.

Discussão e análise dos resultados

Após a pré-análise das entrevistas e dos dados produzidos por meio da leitura flutuante do material, foi composto um corpus inicial por meio do qual destacaram-se quatro categorias temáticas que demonstraram as possibilidades de ser jovem(ns) e os significados de tornar-se mãe para as participantes. Destacam-se as seguintes: “Metamorfoses: construindo trajetórias rumo ao tornar-se mãe”, “As mudanças que singularizam as experiências da maternidade”, “Os voos da borboleta: entre ser filha e tornar-se mãe” e “O cuidado como facilitador do nascer das borboletas”, que serão abordados a seguir.

Metamorfoses: construindo trajetórias para tornar-se mãe

Tendo em vista as repercussões da maternidade no tempo da juventude, buscou-se nesta categoria, identificar os caminhos percorridos pelas gestantes e as metamorfoses principiadas a partir do processo de tornar-se mãe. Neste sentido, buscou-se pensar as vivências, os fatores contextuais e as transformações envolvidas no processo entre tornar-se mulher e tornar-se mãe.

Para tanto, desenvolveu-se um olhar acerca da experiência da gestação na juventude e da jovem gestante, baseado na teoria proposta por Maria Tereza Maldonado, considerando-se os aspectos psicológicos da gravidez, do parto e do puerpério, com vistas a reconhecer a subjetividade das vivências experienciadas por cada mulher neste período. De acordo com a autora, a gravidez é uma transição integrante do processo natural do desenvolvimento da mulher, que envolve a reorganização e a reestruturação em diversas dimensões da vida da futura mãe. A complexidade das mudanças acarretadas pela experiência de tornar-se mãe, não se reduz apenas às variáveis biológicas e psicológicas, sendo os fatores social e econômico, fundamentais para a construção da representação da gestação na vida dos sujeitos envolvidos (Maldonado, 2002).

Neste sentido, no que se refere ao contexto social das jovens entrevistadas, observou-se que uma reside com os seus familiares e com o companheiro (Borboleta Amarela), uma reside com o marido e com a família dele (Borboleta Vermelha), uma mora com os pais, tendo contato regularmente com o namorado que reside em outra cidade (Borboleta Lilás), uma mora com a mãe e duas irmãs, não tendo contato com o genitor do bebê (Borboleta Azul), uma reside com o noivo (Borboleta Rosa) e duas moram com o marido (Borboleta Laranja e Borboleta Verde). Das sete jovens entrevistadas, duas permaneciam estudando no momento da entrevista, sendo uma no 3º (Borboleta Azul) e a outra no 1º ano do Ensino Médio (Borboleta Lilás). Uma havia interrompido os estudos no 2º ano do Ensino Médio (Borboleta Amarela), três concluíram o Ensino Médio (Borboleta Rosa, Borboleta Vermelha e Borboleta Verde) e uma concluiu o Ensino Superior (Borboleta Laranja). Em relação à trajetória escolar, a Borboleta Amarela

mencionou que interrompeu os estudos este ano, quando estava no 2º ano do Ensino Médio, devido à outros motivos que não a gestação,

[...] parei, hã... Esse... No início desse ano. Não por causa da gravidez, mas parei por parar mesmo. (Borboleta Amarela, 18 anos)

Já a Borboleta Laranja, referiu que após a conclusão do Ensino Superior, havia iniciado o Mestrado. No período em que descobriu a gestação, acabou interrompendo os estudos, pensando que não conseguiria conciliar a vida acadêmica com a maternidade,

[...] eu tava fazendo mestrado em Comunicação, hã... Comunicação e Relação Política, mas aí pela gravidez eu tranquei. Eu.... Tranquei logo que eu descobri a gestação, porque eu não ia dar conta. (Borboleta Laranja, 25 anos)

Ainda em relação aos estudos, evidenciou-se a existência de planos para o futuro, após o nascimento do bebê:

Eu acabei o ensino médio. Aí eu pretendo voltar a fazer faculdade ano que vem, acho que eu vou cursar Geografia. (Borboleta Rosa, 19 anos)

Eu tenho desejo ainda, né? De fazer faculdade, alguma coisa, de estudar, continuar. (Borboleta Verde, 22 anos)

Assim, identificou-se que, enquanto para uma jovem o fato de estar grávida não influenciou nos planos relacionados aos estudos, para outra foi um fator determinante para interromper o mestrado e ainda para outras, este mesmo evento representou incentivo para a construção de planos relacionados ao início de uma graduação após o nascimento do bebê. Neste sentido, aponta-se para a diversidade das formas como cada jovem vive e significa a experiência da maternidade neste período da vida a partir de suas vivências. Entende-se assim, que “na realidade, não há tanto uma juventude, e sim jovens enquanto sujeitos que a experimentam e a sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem, e, assim, elaboram determinados modos de ser jovem” (Dayrell, 2016, p.27).

Em relação ao exercício profissional, no momento da entrevista, quatro jovens trabalhavam (Borboleta Rosa, Borboleta Vermelha, Borboleta Laranja e Borboleta Verde), uma havia perdido o emprego devido ao término de seu contrato (Borboleta Azul) e duas nunca exerceram atividade remunerada (Borboleta Amarela e Borboleta Lilás). Das entrevistadas que

estavam trabalhando, duas haviam entrado na Licença à Maternidade na mesma semana da entrevista (Borboleta Vermelha e Borboleta Laranja). Destaca-se a importância deste benefício, assegurado pelas Leis número 8.212 e 8.213 de 24 de julho de 1991, que preconizam a finalidade e os princípios básicos da Previdência Social. Ademais, observou-se na fala de uma das jovens, preocupação relacionada ao contexto socioeconômico, no que se refere à estabilidade financeira frente à chegada do filho,

[...] eu tive que optar entre o meu estágio e a minha especialização [...] então eu tive que fazer uma escolha e eu optei por trabalhar um pouco mais e trancar então. (Borboleta Laranja, 25 anos)

Em sua narrativa, a Borboleta Laranja refere a opção por interromper os estudos para trabalhar, sugerindo que a vinda do filho exigirá mais estabilidade econômica da família. Infere-se assim, que a concepção de um bebê, acarreta mudanças, não somente nos âmbitos biológico e psicológico, mas também no social e econômico (Maldonado, 2002). Além disso, em uma sociedade em que a mulher constantemente trabalha fora, sendo também responsável pelo orçamento familiar e dispondo de interesses diversos – sociais, de carreira, estudos etc. – o fato de ter um filho acarreta mudanças na trajetória de vida, incluindo maior preocupação com o futuro (Maldonado, 2002).

Diante das trajetórias das jovens, identificou-se um distanciamento da ideia do jovem como um ser em transição ou um vir a ser, à medida em que a constituição das juventudes narradas aconteceu no decorrer das vivências subjetivas de cada mulher. Neste sentido, Maldonado (2002), salienta sobre a importância de levar em consideração a interação de vários fatores, tais como: a história pessoal da gestante, o contexto existencial dessa gestação; as particularidades da evolução da gestação (se caracteriza como uma gestação normal ou de risco), o contexto socioeconômico dessa gestante e o contexto assistencial em que essa gestante está inserida, a fim de identificar as modificações e a complexidade do ciclo grávido-puerperal.

Considera-se assim, que a atribuição de significados às experiências vividas produziu mudanças na trajetória de vida das gestantes.

As mudanças que singularizam as experiências da maternidade

A gravidez, consiste em um período fecundo em todos os sentidos, pois não só um novo ser está sendo gerado, como também a mulher e o homem, estão construindo uma nova parte de si próprios – a capacidade de cuidar de um bebê (Maldonado, 1997). Conforme a autora supracitada, pode-se identificar uma série de mudanças ocasionadas por este evento, sendo estas no corpo da mulher, na vida emocional dos futuros pais, na dinâmica do casal, entre outras. Nesta categoria, falaremos das principais mudanças elucidadas pelas jovens participantes da pesquisa, a partir da experiência de tornar-se mãe.

Mediante as narrativas das gestantes entrevistadas, identificou-se modificações relacionadas à estrutura familiar, aos aspectos psicológicos e às transformações do corpo na gravidez. No que se refere ao contexto familiar, evidenciou-se que todas as participantes da pesquisa mantêm relação com as suas famílias de origem, sendo que a maioria delas reside com o companheiro e familiares e somente uma não tem contato com o pai do bebê desde o início da gestação. Dentre estas, duas jovens mudaram de residência motivadas pela descoberta da gravidez, observando-se que houve um retorno à casa da família de origem e a constituição de uma nova família,

[...] Ele foi a primeira pessoa a saber né, que eu liguei para ele, mas ele de momento, ele não [...] Eu voltei pra casa da minha mãe daí. (Borboleta Azul, 18 anos).

Eu fui morar uma semana depois com ele (Borboleta Laranja, 25 anos).

Conforme Barker e Castro (2002), pode-se citar a gravidez como parte de uma trajetória para formar uma família, como uma saída de problemas e violência familiar ou como uma forma de adquirir valor social. Na presente pesquisa, a família nuclear foi abordada como uma instância muito importante no que se refere aos fatores psicológicos relacionados ao tornar-se mãe. Neste

sentido, identificou-se a partir das falas das entrevistadas, que a aceitação e o amparo advindo do ambiente familiar e do parceiro, consistiram em elementos que favoreceram maiores condições emocionais, tanto no que se refere à aceitação da gravidez, quanto para elaboração e narração dessa experiência. Relacionado à isso, as participantes mencionaram que inicialmente tinham medo que a gravidez não fosse aceita pela família, porém, após a aceitação de todos, se sentiram muito melhor e puderam curtir essa experiência.

Eu já sabia que eles iam adorar, mas, hã... Claro, me senti melhor, né? A gente se sente feliz quando eles tão feliz pela gente. (Borboleta Rosa, 19 anos)

[...] É que dá um pouco de medo, né? Quanto a isso, se a criança vai ser rejeitada, mas foi bem aceita por todos, né? E daí foi um pouco mais fácil, né? (Borboleta Verde, 19 anos)

[...] Agora que todos aceitaram foi bom, estou gostando. (Borboleta Lilás, 16 anos)

Do mesmo modo, evidenciou-se que a não aceitação da gestação por parte da família ou do parceiro, representou certa desestabilidade emocional neste período, de forma que a futura mãe, além de sentir-se sozinha, também sente-se sobrecarregada e demonstra dificuldade para narrar essa experiência. Referente a isso, a Borboleta Azul relatou a não aceitação de sua gestação por parte do ex namorado:

[...] na verdade assim... Quem sempre quis fui eu, né? Ele não. [...] tanto que hoje... hoje em dia a gente não tá mais junto, né... Na verdade até hoje ele fala que então o filho não é dele, né... (Borboleta Azul, 19 anos).

Destaca-se neste caso, o término do relacionamento de Borboleta Azul com o ex namorado, pai de seu filho, o que pode ter influenciado na responsabilização expressa pela jovem em relação ao bebê. A gestante também demonstrou-se frágil ao relatar o abandono por parte do ex namorado e confusa ao narrar sua trajetória a partir da gestação. Em conformidade com os dados obtidos na presente pesquisa, no que se refere à aceitação da gravidez por parte do ambiente social imediato – incluindo familiares e o parceiro – Maldonado (1997), afirmam que há influência direta na tendência da mulher para a maternidade.

No que se refere às mudanças psicológicas da gestação, identificou-se a dificuldade de

compreender o abandono por parte do pai do bebê, o luto devido a interrupção de planos, os medos relacionados ao exercício do papel de mãe e dificuldades em aceitar as mudanças do próprio corpo. Nesta perspectiva, as jovens narraram fragilidades encontradas no processo de tornar-se mãe:

[...] hoje em dia a gente não tá mais junto, né? [...] eu não me importo de falar, sabe? Só que sempre quando citam, quando, né... Eu, eu fico bem chateada assim. (Borboleta Azul, 19 anos).

Tipo, a gente recém tinha se conhecido [...] Dois meses, então tipo foi meio que um susto. Nós não tivemos namoro (risos) [...] realmente pra mim foi difícil, não porque eu não queria, tipo eu sempre quis ser mãe, só que não era o momento, eu não... Eu tinha planos. (Borboleta Laranja, 25 anos)

[...] eu queria acabar minha pós, eu queria fazer mestrado, queria fazer doutorado, meus planos era ter filho lá pelos 35, quando eu tivesse já meu doutorado pronto, um emprego dos sonhos e tudo organizado conforme o meu plano, então... mudou tudo. (Borboleta Laranja, 25 anos)

[...] Eu e ele até conversava em fazer um filho, só que não nesse momento. A gente queria... Eu ia começar a trabalhar e essas coisas. (Borboleta Amarela, 18 anos)

Com relação à insegurança advinda do impedimento da realização dos planos para o futuro, visto que o bebê exigirá nova rotina e trará novas demandas, Maldonado (1997), refere que quanto mais instável ou complexa se apresentar a vida da gestante, maior será a sua indecisão em relação à maternidade. Observa-se aí, que a experiência da gestação, além de exigir mudanças relacionadas a reprogramação do cotidiano e das trajetórias pré-estabelecidas pelas futuras mães, também pode trazer sentimentos de incerteza, insegurança e medo.

O medo, aspecto psicológico evidenciado pelas jovens participantes da pesquisa, é um fator comum neste processo de tornar-se mãe e está associado a fantasias que surgem neste período, como observa-se nas narrativas a seguir:

Eu tenho medo, né de não conseguir amamentar, porque tem muitas mães que falam que não conseguiram. (Borboleta Verde, 22 anos)

Medo... Medo eu sempre tenho, né. Eu tenho até uma ansiedade, né, de querer que che... chegue logo, né e de poder ver o rostinho. Mas eu tenho medo, de aí... Não saber cuidar, não saber fazer, fazer tudo certo, sabe? (Borboleta Rosa, 19 anos)

Porque eu também não sei fazer nada, eu vou precisar de uma ajuda [...] porque eu tenho medo até de dar banho. (Borboleta Laranja, 25 anos)

De acordo com Maldonado (2002), é interessante atentar para os temas relacionados aos medos, que “têm um caráter de autopunição: o medo de [...] não ter leite suficiente ou ter leite fraco (frequentemente simbolizando sentimentos de inadequação e desvalorização como mãe), de ficar “presa” e ter que alterar toda a rotina de vida etc” (p.50). Além disso, conforme a autora, “há sempre uma oscilação entre desejar e não desejar aquele filho. Não existe uma gravidez totalmente aceita ou totalmente rejeitada; mesmo quando há clara predominância de aceitação ou rejeição, o sentimento oposto jamais está inteiramente ausente” (p.33). Essa ambivalência de querer e não querer, foi observada quando as jovens narraram os planos que precisaram ser interrompidos para dar conta da maternidade.

Ainda relacionado aos aspectos psicológicos, identificou-se nas narrativas das jovens, ambivalência em relação ao sentimento de estar ou não estar grávida. A simbolização da barriga como confirmação da gestação também foi narrada com bastante ênfase, assim como as dificuldades em aceitar as mudanças do corpo. Neste sentido, as gestantes referiram ainda não sentir o bebê e não notar o crescimento da barriga:

Mas não sinto nada ainda, sabe? O nenê. Vamos fazer eco pra ver o que é. (Borboleta Lilás, 16 anos).

Ah... Agora não. Eu tava p (ensando em ir, mas mais pra frente, né. Porque ainda... ainda não tenho barriga nem nada, né... [...]). (Borboleta Rosa, 19 anos)

De acordo com Maldonado (1997), no primeiro trimestre da gestação, “O corpo ainda não assumiu distintamente o aspecto de grávido; os movimentos do embrião ainda não são sentidos pela mãe” (p.51). Desta forma, conforme a autora devido às discretas alterações do esquema corporal e ao feto que ainda não é completamente sentido, ocorrem as manifestações mais comuns da ambivalência, como “os sentimentos de dúvida entre estar ou não grávida, mesmo após a confirmação clínica, que, por sua vez, também tende a evocar uma mistura de sentimentos de alegria, apreensão, irreabilidade e, em alguns casos, franca rejeição” (2002, p.34).

Ainda, identificou-se a dificuldade de aceitação das mudanças do próprio corpo. A Borboleta Amarela, inicialmente relata ter identificado como primeiro sinal da gravidez, o

surgimento de uma “pancinha” (SIC). Em contrapartida, no final da entrevista, a jovem refere não ter notado mudanças no corpo:

Eu era magrinha, então logo começou a criar uma, uma “pancinha”, vamos supor assim de... (Borboleta Amarela, 18 anos)

Não, mudança do corpo não, ahm... Eu acho que surgiu mais dúvida da... por causa da nenê [...] (Borboleta Amarela, 18 anos)

A negação das mudanças do corpo, conforme Maldonado (2002), pode estar associada ao temor da irreversibilidade e, sobretudo ao “medo de ficar modificada como pessoa pela experiência da maternidade, de não mais recuperar sua identidade antiga e transformar-se numa outra pessoa, com mais perdas do que ganhos” (p.47). Desta forma, procura-se não olhar para as mudanças deste novo corpo ainda desconhecido e para esse novo papel que lhe será atribuído: ser morada para um novo ser, tornar-se mãe. Observou-se assim, que as mudanças físicas em decorrência da gravidez, dizem de um significado único para cada mulher e, desta forma, cada gestante lhe atribui um sentido diverso e próprio. No que se refere às transformações do novo corpo de gestante, o que ganhou destaque no discurso das mães foram as modificações nos seios, o crescimento da barriga, dor nas costas e enjoos:

[...] mudança né, no corpo, nos seios e um pouco de enjoos. (Borboleta Verde, 19 anos)

Mudou meu corpo, os seios, a barriga um pouco. (Borboleta Lilás, 16 anos)

Eu sentia muita dor nas costas [...]. (Borboleta Vermelha, 25 anos)

[...] Dói, e não é só o teu corpo que tá mudando. Tipo dói muito, tu vai no banheiro a cada 5 minutos [...]. (Borboleta Laranja, 25 anos)

De acordo com Maldonado (1997), na gravidez, concomitantemente às modificações progressivas do corpo, a nova mãe, também precisa criar uma nova imagem de si própria. As dificuldades deste período, expressas como náuseas e vômitos, são os sintomas mais comuns do primeiro trimestre gestacional e o conhecimento atual aponta para uma etiologia multifatorial, envolvendo mudanças bioquímicas e hormonais, fatores psicológicos, como tensão emocional, oscilações entre aceitação e rejeição da gravidez, participação do marido, entre outros (Maldonado, 2002). Além disso, evidenciou-se que as mudanças corporais não trazem somente

alegrias, mas também certo desconforto para a futura mãe, que precisa se adaptar com o aumento do peso, as dores e a necessidade de ir ao banheiro com mais frequência.

Neste sentido, identificou-se diversas mudanças nos âmbitos biológico, psicológico e social da vida das jovens gestantes, que percebem e significam esse processo de forma singular. Desta forma, considera-se de extrema relevância o exercício de um olhar integral, a fim de identificar os fatores que são próprios de cada jovem e em cada gestação.

Os voos da borboleta: entre ser filha e tornar-se mãe

Como acontece a transformação entre ser filha e tornar-se mãe? Gesta-se somente o bebê, ou também uma nova mulher? Nesta categoria abordaremos aspectos sobre o processo de metamorfose presente na construção referente aos papéis de filha para tornar-se mãe, considerado as relações das jovens gestantes com suas genitoras e as possíveis reproduções do cuidado materno.

O desejo e a ideia de ter um filho, segundo Maldonado (1997), começam muito antes da mulher de fato, gerar o feto. Antes da concepção de um bebê, todo sujeito passa por um processo de se imaginar tendo um filho “como seria ele, se gostaria de tê-lo já ou só mais tarde, o que espera de si próprio como mãe ou como pai, o que um filho representa para a sua vida” (p.15). Porém, nem sempre essa imaginação é entendida de forma tão explícita pela pessoa que a cria ou é debatida entre o casal. Ainda assim, de acordo com a autora supracitada, “[...] seja pouco, seja muito pensado, o “filho da cabeça” existe antes do “filho da barriga” (p.15. grifos da autora). Por isso, pode-se dizer que o relacionamento entre os pais e os filhos começa muito antes do nascimento, até antes mesmo da fecundação. Estes “ensaios” sobre a maternidade, são identificados no decorrer das narrativas das jovens entrevistadas, que referem certa expectativa relacionada ao seu desempenho como mãe:

Eu tô o tempo todo pensando nisso, eu fico pensando... Será que eu vou ser uma boa mãe, né? (Borboleta Rosa, 19 anos)

Neste sentido, identificou-se um gestar também das mães, pois acontecia ali, o processo

de formação dessa nova parte delas – que até então, só tinham experiências como filhas. No decorrer das narrativas, as entrevistadas também apontaram a figura materna como modelo de identificação. Para fins de análise, destacou-se alguns aspectos que mereceram evidência, como: inspiração na maneira de cuidado, a experiência da própria mãe, o desenvolvimento das habilidades maternas e a troca de informações e a segurança. Contrariamente, também ressaltou-se o desejo de produzir cuidados diferentes daqueles recebidos em determinados aspectos. Para a maioria das jovens gestantes, a figura materna serviu como modelo de identificação:

[...] vou ser parecida na autoridade, que ela tem bastante autoridade. (Borboleta Amarela, 18 anos)

[...] espero que eu consiga passar pro meu filho ou pra minha filha o que a minha mãe me passou... Os valores pelo menos. (Borboleta Rosa, 19 anos)

Eu vou querer cuidar igual ela cuidou de mim e dos meus irmãos, assim. Vou ser carinhosa e ao mesmo tempo mandar, igual ela. (Borboleta Lilás, 16 anos)

Ainda na menção à figura materna, foi ressaltada a experiência da própria genitora em relação à maternidade. Neste sentido, as jovens narraram a importância da troca de informações relacionadas ao desenvolvimento de atividades como dar banho e cuidar do bebê:

Tipo eu tinha que ligar pra minha mãe [...] É, duas vezes eu tive que perguntar, até que ponto é normal? [...] eu vou precisar de uma ajuda [...] acredito que quando o bebê nascer ela vai vir toda semana. (Borboleta Laranja, 25 anos)

Eu peço tudo pra ela já. Como vai ser, coisa de banho, se ela me ajuda. Ela agora gosta. (Borboleta Lilás, 16 anos)

Identificou-se nas falas das jovens, a necessidade de trocar informações com as suas próprias genitoras em relação ao cuidado da criança, o que gera certa segurança ao pensar no futuro, a medida em que as futuras mães sentem-se amparadas. Pode-se dizer então, que existe uma elaboração nesse processo de mudança de papéis.

Ao contrário, muitas vezes, essa nova definição de papéis traz à tona conflitos de relacionamento, em que “a mulher e o homem podem querer ser melhores do que os próprios pais, ou se sentem incapazes de competir com eles” (Maldonado, 2002, p.26). Com relação a isso, observou-se certa ambivalência em relação a repetição do cuidado materno nas falas das

jovens. Algumas gestantes, apontaram para as diferenças que têm em relação às próprias mães e como isso poderia influenciar na quebra de certas repetições de cuidado:

[...] a minha mãe, ela é mais... Ela não tem pulso forte, sabe? Ela é mais de deixar fazer o que quiser e eu não sou assim. (Borboleta Rosa, 19 anos)

A gente pega um pouco do exemplo, né? Que a gente teve, né? Mas a gente sempre, né, pretende ser melhor do que aquilo que nos passaram, né? (Borboleta Verde, 19 anos)

[...] Algumas coisas eu quero, né... Reter, da criação dela, mas tem coisas que eu, eu pretendo não passar [...] Hã... Por exemplo, quem eu nunca tive muita influência tipo, nos estudos, tipo, “vai estudar, porque isso é bom pra ti”. (Borboleta Verde, 19 anos)

Constatou-se através das narrativas, o desejo de oferecer ao filho, cuidados e orientações diferentes daquelas recebidas no contexto do seu lar. Neste sentido, para Maldonado (1997), em determinados aspectos, almejamos ser totalmente diferentes dos nossos pais, pretendendo fazer com o próprio filho o contrário daquilo que identificamos como errado em nossa criação ou querendo proporcionar a ele todas as coisas que não recebemos. Essa máxima foi abordada na narrativa das jovens, no que se refere a limites e incentivo para questões que elas consideram importantes, como os estudos.

Segundo Maldonado (1997), a experiência de tornar-se pai/mãe, representa muito as vivências como filho(a). Desta forma, existe uma tentativa de se diferenciar em certos aspectos de nossos pais, tentando fazer com o filho o contrário de tudo aquilo que sentiu-se como errado na criação e, em contrapartida, uma tendência a repetir aquilo considerado como correto. No entanto, o gestar pais e mães conscientes de suas limitações e potencialidades, impõe um desafio: também deve-se admitir que o filho que está por vir poderá ser diferente de como gostaríamos que ele fosse, deixando lugar para a sua individualidade e, conseqüentemente, possibilitando um tornar-se pais mais criativos e facilitadores da necessária liberdade de sentir o que é melhor ou mais adequado a cada momento da relação fraternal (Maldonado, 1997).

O cuidado como facilitador do nascer das borboletas...

Esta categoria, refere-se às potencialidades de espaços de cuidado integral para o gestar

de uma jovem mãe. Neste sentido, entende-se que para que possa acontecer o processo de metamorfose da (até então) filha para a futura mãe, faz-se pertinente o exercício de um olhar integral e escuta sensível, a fim de que histórias possam ser narradas, medos minimizados e dúvidas compartilhadas.

No decorrer das narrativas das jovens entrevistadas, identificou-se a ausência de espaços para o pensar-se mãe, bem como para o compartilhamento de ansiedades, angústias e medos advindos do processo de gestar. Referente a isso, as jovens relataram nunca ter parado para pensar sobre a maternidade e o tornar-se mãe:

Não, nunca tinha parado pra pensar. (Borboleta Amarela, 18 anos – sobre o processo de tornar-se mãe)

Eu nunca tinha falado sobre a maternidade... Pior... (Borboleta Laranja, 25 anos)

O aspecto narrativo, diz da necessidade de contar para tornar-se mãe e pai. Neste sentido, entende-se o ato de narrar como importante não somente para a constituição materna/paterna, como para a formação do novo ser que está sendo gerado e para a construção da relação pais-bebê. Pois, “vida nenhuma começa sem história. Sem ela, a vida não avança, não encontra duração, continuidade. É narrando que a vida se transmite e permanece [...]” (Gutfreid, 2009, p. 28). Neste sentido, o autor faz-nos refletir sobre a ponte entre o eu e o outro, criada através da narrativa, aspecto importante para reconhecer-se como mãe.

Ainda, durante as entrevistas observou-se que, embora as jovens considerem importante a atenção integral e compartilhamento de informações sobre a experiência da maternidade, não há a disponibilização destes espaços de cuidado por parte da US onde elas realizam acompanhamento pré-natal. Neste sentido, as entrevistadas expuseram que estes seriam espaços importantes para o esclarecimento de dúvidas que as mesmas acabam sanando na consulta de pré-natal com o médico, com a própria mãe ou por meio de pesquisas na internet:

Acho importante porque tem algumas dúvidas que a gente pode tirar ali na, na conversa, né? (Borboleta Amarela, 18 anos)

E aí eu tô o tempo todo pesquisando, olhando o quê que eu posso comer, o quê que eu não posso comer, o que eu posso dar pra ele, sabe? Tipo, eu to o tempo todo tentando buscar mais, máximo de informação pra poder fazer o melhor, sabe? (Borboleta Rosa, 19 anos)

Eu acho que ia ser legal se tivesse mais... Mais grupos, mais encontros, porque eu só posso dividir isso com o médico, né? (Borboleta Rosa, 19 anos)

[...] Pra quem é mãe de primeira viagem é bom, né? Pra se preparar, né? (Borboleta Vermelha, 25 anos)

No que se refere à promoção destes espaços, de acordo com o Estatuto da Juventude (Lei Nº12.852, de 5 de agosto de 2013), “O jovem tem direito à saúde e à qualidade de vida, considerando suas especificidades na dimensão da prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde de forma integral” (Seção V, Do Direito à Saúde, Art. 19). Igualmente, a lei acima citada, garante o direito no que se refere ao “reconhecimento do impacto da gravidez planejada ou não, sob os aspectos médico, psicológico, social e econômico” (Sessão V, Do Direito à Saúde, Art. 20). Assim, visto que está estabelecido em legislação o direito à saúde integral e o reconhecimento das mudanças causadas pela gestação na vida das jovens, faz-se importante olhar para essa demanda existente.

Dentre as sete jovens que participaram da pesquisa, a Borboleta Verde é a única que já participou de grupos para gestantes. De acordo com ela, aquele era um espaço proporcionado pela empresa em que trabalhava e os encontros aconteciam a cada dois meses. No que se refere a esses grupos, a jovem mencionou que consistia em um local potente para esclarecer dúvidas, trocar experiências e sentimentos relacionados ao tornar-se mãe e sentir-se acolhida:

É, tem, a gente te grupos lá na minha empresa, daí a gente fala sobre isso, sobre maternidade, as mães passam tipo experiências, daí as mães novas assim vão aprendendo um pouco mais [...] eu acho legal assim, né? Isso de tu passar isso que tu tá sentindo e também... (Borboleta Verde, 22 anos)

É muito importante porque é muita dúvida que a gente acaba tirando que daí, daqui a pouco, né? Tando com a criança ali nos braços, tu vai ter, né? (Borboleta Verde, 22 anos)

Ao final da entrevista, quando questionadas sobre como haviam se sentido durante a conversa, as jovens relataram que foi uma experiência boa e acabaram se dando conta que nunca falam pouco sobre a maternidade:

Ah, foi bom assim, porque como, assim, eu não converso com ninguém... na verdade eu não me abro... não, né? Eu não falo com as pessoas, então foi bom assim, eu gostei... (Borboleta Azul, 18 anos)

Entre os prejuízos advindos da falta destes espaços de cuidado e de troca de experiências, está os recursos utilizados pelas jovens para sanar as dúvidas. Entre os métodos mais utilizados, as gestantes mencionaram a pesquisa na internet:

[...] E aí eu tô o tempo todo pesquisando, olhando o quê que eu posso comer, o quê que eu não posso comer, o que eu posso dar pra ele, sabe? (Borboleta Rosa, 19 anos)

Entretanto, entende-se que o acesso a informações deliberadamente, pode representar perigo para a gestante, visto que nem todas as referências expostas na rede são confiáveis. Desta forma, salienta-se a importância da disponibilização de espaços de cuidado e escuta para gestantes na Saúde Pública preconizados pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2005), podendo este ser proporcionado por qualquer profissional graduado na área da saúde ou por mais de um profissional, no caso de grupos, rodas de conversa e oficinas.

Considerações finais

A partir das narrativas das jovens, identificou-se a gestação como um processo diverso e singular, facilitador de mudanças relacionadas à estrutura familiar, a aspectos psicológicos e às transformações do corpo na gravidez. Neste sentido, tornar-se mãe tanto representou a formação de uma nova família, quanto o afastamento do parceiro, propiciando o retorno ao lar de origem. Observou-se também, a família como agente de apoio e estabilidade emocional no processo de tornar-se mãe.

A figura materna também foi evidenciada como modelo de identificação, no que se refere a inspiração na maneira de cuidado e a troca de informações e segurança. Contrariamente, também ressaltou-se o desejo de produzir cuidados diferentes daqueles recebidos em determinados aspectos. Por fim, identificou-se a ausência de espaços de cuidado visando o pensar-se mãe, bem como para o compartilhamento de ansiedades, angústias e medos advindos do processo de gestar, conforme preconizado pelo Ministério da Saúde.

Referências

Bardin, L. (2012). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Barker, S. L.; Castro, D. M. F. (2002). Gravidez na adolescência: dando sentido ao acontecido. In: Anaxe, A. A.; Castro, A. L. S.; Noto, A. R.; Liebesny, B.; Antoni, C.; Castro, D. M. F.; Silva, E. A.; Lourdes, L. N.S.; Contini, M. L. J. C.; Rocha, M. L.; Barros, M. N. S.; Teixeira, R. M.; Ozella, S.; Koller, S. H.; Barker, S. L. *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro. Conselho Federal de Psicologia. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/01/adolescencia1.pdf>.

Brasil. (2013). Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE.

Brasil, Ministério da Saúde. (2005) *Pré-natal e puerpério: atenção qualificada e humanizada - manual técnico*. Brasília, DF. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pre-natal_puerperio_atencao_humanizada.pdf.

Brasil, Previdência da República. (1991). Lei Nº 12.812, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre a organização da Seguridade Social, institui Plano de Custeio, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18212cons.htm.

Brasil, Previdência da República. (1991). Lei Nº 12.813, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Disponível em: <http://www.conteudojuridico.com.br/pdf/cj021109.pdf>.

Dayrell, J. (2003). O Jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Nº 24, Set/Out/Nov/Dez, p. 40-52.

Dayrell, J.; Carrano, P.; Maia, C. L. (2014). Juventude e Ensino Médio: Quem é este aluno que chega a escola. In: Dayrell, J.; Carrano, P.; Maia, C. L. (Org.) Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG.

Dayrell, J. (organizador). (2016). Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. Belo Horizonte: Mazza Edições.

Ferreira, A. B. H. (2010). Mini Aurélio: o dicionário de língua portuguesa (8a ed.). Curitiba: Positivo.

Gontijo, D.; Medeiros, M. (2008). “Tava morta e revivi”: significado de maternidade para adolescentes com experiência de vida nas ruas. Revista Cadernos de Saúde Pública, 24(2), p. 469-472, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n2/25.pdf>.

Gutfeind, C. (2010). Narrar, ser pai, ser mãe & outros ensaios sobre a parentalidade (2a ed.) Rio de Janeiro: DIFEL.

Heilborn, M. L.; Salem, T.; Rohden, F.; Brandão, E.; Knauth, D.; VÍctora, C.; Aquino, E.; Mccallum, C.; Bozon, M. (2002). Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 13-45. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v8n17/19074.pdf>.

Maldonado, M. T. (1997). Nós estamos grávidos (10a ed.). São Paulo: Saraiva.

Maldonado, M. T. (2002). Psicologia da Gravidez: parto e puerpério (16a ed.). São Paulo: Saraiva.

Minayo, M. C. S.; deslandes, S. F.; Gomes, R. (2009). Pesquisa social: teoria, método e criatividade (28a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Murray, R. (1992). Classificados poéticos (8a ed.). Belo Horizonte: Miguilim. Papalaia, D. E.; Olds, Sally W. (2000). Desenvolvimento Humano (7ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.